Cooperação Brasil – África

O papel do Agronegócio

Marcos Antonio Matos[1]
Cleber Lima Guarany[2]

DIANTE DO avanço econômico dos países em desenvolvimento, novas coalizões ganharam desenvoltura nas relações internacionais e passaram a protagonizar novas formas de cooperação Sul-Sul, por meio de arranjos regionais de integração e de grupos multilaterais.

O Brasil passou a ser reconhecido como importante agente da cooperação no âmbito internacional. É nesse contexto que se iniciam os debates relacionados à política nacional de cooperação a ser adotada no Brasil, bem como as discussões sobre os atuais projetos na América Latina e África.

O País é considerado uma grande potência na produção de grãos, fibras, carnes e biocombustíveis e na geração e difusão de conhecimento e tecnologia nesse importante setor. A competitividade do agronegócio brasileiro é revelada por meio da tecnologia empregada no campo; da eficiência da produção corporativa; da organização de pequenos e médios produtores em cooperativas e associações; do sistema de crédito rural oficial; e da presença de empresas nacionais e globais de grande porte.

O agronegócio possui fundamental importância na economia brasileira, devido à participação no PIB e na balança comercial, bem como pelos empregos gerados. O agronegócio apresentou significativa evolução nos últimos anos, sendo responsável por 22,15% da geração de riquezas do País, um montante de R$ 917,654 bilhões (CEPEA, 2012).

O Brasil é um dos grandes exportadores globais de *commodities* agrícolas, como a soja, milho, café, laranja, açúcar e carnes (bovina, suína e de aves). Além da consolidada agricultura empresarial, dados da Secretaria de Agricultura Familiar (SAF) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) apontam que 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros são provenientes da agricultura familiar.

Diante desse cenário, o agronegócio nacional apresenta sólida capacidade potencial para a expansão do conhecimento e a replicação de modelos nas políticas de cooperação internacional, considerando-se os aspectos de sustentabilidade no âmbito ambiental, social e econômico e as especificidades de cada país.

De acordo com a FAO, o mundo possui desafios em relação à produção de alimentos e de energia, especialmente devido ao incremento da renda, da urbanização e ao crescimento populacional. Tais variáveis resultam no aumento da demanda por alimento e energia, especialmente nos países em desenvolvimento. Para que todos tenham acesso aos alimentos, a oferta mundial precisará dobrar em treze anos. Diante disso, a demanda global por grãos e óleos vegetais destinados à alimentação humana e animal e à produção de energia deverá ser elevada em 1,5 bilhão de toneladas nos próximos quarenta anos. Assim, pode-se concluir que o mundo precisará produzir mais grãos e óleos vegetais nesse período do que se produziu nos últimos 10 mil anos.

O aumento na demanda por alimentos, fibras e energia se dará, principalmente, nos países em desenvolvimento. Informações preliminares indicam uma disponibilidade de 1,392 bilhão de hectares ainda não cultivados que teriam potencial de uso na agricultura, para atender a demanda mundial por alimentos. A América do Sul e a África, localizadas no *tropical belt* do globo terrestre possuem 50% (695 milhões de hectares) e 44,6% (621 milhões de hectares), respectivamente.

Aspectos macroeconômicos do continente africano

O continente africano tem apresentado relevante progresso macroeconômico, considerando-se a redução da relação dívida/PIB na última década, quando recuou de 90% para 59% do PIB, patamar inferior ao de muitos países da

Dez maiores taxas de crescimento do PIB (%)

2001 a 2010		2011 a 2015	
Angola	11,1	China	9,5
China	10,5	Índia	8,2
Myanmar	10,3	Etiópia	8,1
Nigéria	8,9	Moçambique	7,7
Etiópia	8,4	Tanzânia	7,2
Cazaquistão	8,2	Vietnã	7,2
Chade	7,9	Congo	7,0
Moçambique	7,9	Gana	7,0
Camboja	7,7	Zâmbia	6,9
Ruanda	7,6	Nigéria	6,8

Fontes: The Economist; IMF

União Europeia e da taxa média observada nos países em desenvolvimento (próximo de 100%). Somado a isso, a inflação média observada é de 8%, abaixo das da Rússia e da Índia.

Várias nações africanas figuram entre os países com maiores taxas de crescimento do PIB na ultima década. E a tendência de crescimento deve manter-se nos próximos anos.

Somado a isso, o continente africano apresenta importante oportunidade para os investidores na estruturação de projetos na área de alimentos, bioenergia e infraestrutura, considerando-se a relativa estabilidade política e econômica e a disponibilidade de recursos naturais, como terra e água.

Contudo, investidores ainda se mostram reticentes de investir em nações africanas. Apesar de ainda haver instabilidades políticas em algumas nações, estudos mostram que as condições melhoraram bastante em grande parte do continente. Alguns países têm risco-país equiparável a nações da América do Sul.

Estruturação de um Modelo de Desenvolvimento Agropecuário

A estruturação de um modelo de desenvolvimento agropecuário está alicerçada na sustentabilidade e na integração de cadeias de valor, por meio de arranjos produtivos e da inclusão social e econômica dos pequenos e médios produtores locais. A adoção de tal modelo no meio rural tem como objetivo o impulso do desenvolvimento das economias, sendo uma alternativa para a segurança alimentar, exportação de produtos elaborados e semielaborados e produção de bioenergia, considerando-se a sinergia existente nos projetos integrados, o que contribui para melhorar a renda do campo, principalmente nas regiões mais pobres do mundo.

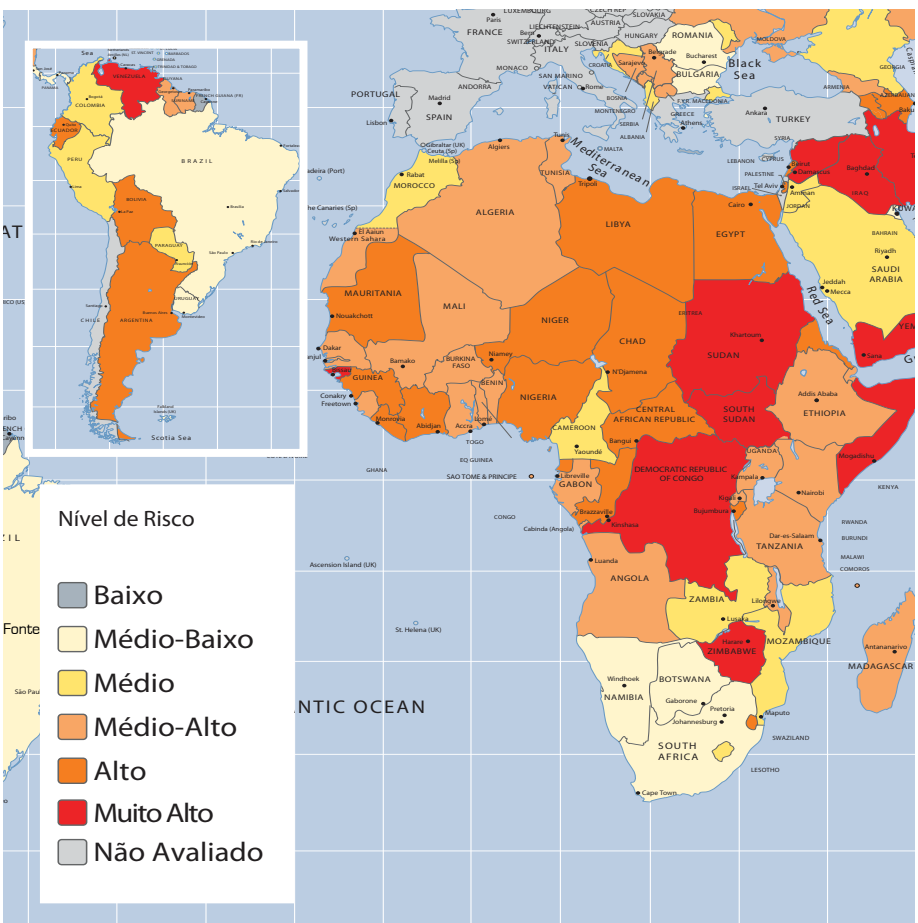
A integração de cadeias de valor, por meio dos arranjos produtivos e da inclusão de pequenos e médios produtores, permite aos respectivos países a estruturação de um modelo competitivo de produção e processamento de alimentos. Esse processo deve ser pautado pelos conceitos de sustentabilidade e investimentos em pesquisa, extensão rural, educação e capacitação da mão de obra, integração ao sistema agroindustrial e acesso aos mercados, bem como a estruturação de um sistema de crédito rural apropriado à produção familiar.

O estabelecimento de uma política em âmbito nacional de cooperação Sul-Sul, com a definição das amplitudes das ações e transparência de processos por meio da participação efetiva da sociedade, promoverá oportunidade para alavancar os projetos de cooperação e a participação de investidores brasileiros.

Brasil e África são parceiros naturais, com fortes relações históricas e culturais. Para completar essas conexões, a tecnologia brasileira no estabelecimento de um modelo agropecuário se mostra viável e adaptável a muitas das nações africanas, devido às similaridades no solo e no clima e da necessidade de ampliação da oferta de alimentos e energia. Os êxitos recentes do Brasil nos aspectos social e econômico também vêm atraindo a atenção de muitos países africanos.

Esses investimentos resultantes das cooperações beneficiarão não somente as economias dos países que receberão tais recursos, por meio das cadeias de valor envolvidas nesses setores, mas também, em uma perspectiva mais ampla, a economia global como um todo, contribuindo para erradicação da miséria e estabilidade política mundial. ■

África: Risco-país em 2012



1 Engenheiro agrônomo, mestre e coordenador técnico da FGV
2 Coordenador de Projetos da FGV Projetos